

LÍNGUA PORTUGUESA EM SALA DE AULA: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE EXPERIÊNCIA NO ENSINO MÉDIO NOTURNO

ISABELA BRAGANÇA*

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), São Paulo, SP, Brasil.

Recebido em: 21 dez. 2022. Aprovado em: 18 jan. 2023.

Como citar este artigo: BRAGANÇA, I. Língua portuguesa em sala de aula: considerações a partir de experiência no ensino médio noturno. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 23, n. 1, p. 48-59, jan./abr. 2023. doi: 10.5935/cadernosletras.v23n1p48-59

Resumo

Este artigo pretende refletir sobre as motivações e as condições de estudo de alunos cursando o ensino médio em período noturno na rede pública, partindo de conceitos presentes na obra *Pedagogia do oprimido* e outros trabalhos que se fundamentam em uma metodologia idealizada por Paulo Freire. O objetivo dessa reflexão é trazer à tona questões relativas ao contexto social dos jovens nessas condições de estudo e, pela descrição de um relato de experiência pessoal de trabalho com esses alunos, propor um caminho para aulas de Língua Portuguesa que sejam efetivamente relevantes para esse grupo de estudantes.

* E-mail: isabelabraganca17@gmail.com
 <https://orcid.org/0000-0002-3691-4571>

Palavras-chave

Língua portuguesa. Ensino. Contexto social.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo, a partir da leitura de Freire (2007), é entender como é possível colocar em prática uma metodologia de ensino dialógico nas aulas de Língua Portuguesa em salas de ensino médio no período noturno de uma escola pública. A base teórica que fundamenta essa proposta é a obra *Pedagogia do oprimido*, de Paulo Freire (2007), que tem sido citada e utilizada como referencial pedagógico em diversas redes de ensino pelo Brasil e mundo afora. Isso porque, progressivamente, a abordagem descrita e defendida pelo autor em relação ao ensino tem sido cada vez mais necessária, por sustentar que este deva ser, entre outras características, dialógico, o que implica uma relação de humildade ao receber o aluno em sala de aula, sabendo que ele também traz conteúdo, e que é necessário pensar nesse aluno como um sujeito dentro do mundo e de um contexto social e, portanto, a aula deve, na medida do possível, dialogar com esse contexto (FREIRE, 2007).

Além de privilegiar uma abordagem horizontal e não mais vertical das aulas, ou seja, entender que o conhecimento relevante não vem só do professor para os alunos, mas estes devem e conseguem participar ativamente na construção do conhecimento, também se destaca a necessidade de primeiro entender a importância da disciplina de Língua Portuguesa para a formação do aluno – e, por consequência, a importância da postura e metodologia de seu professor –, pois é pela palavra que se começa o processo de pensamento crítico do indivíduo, para que ele assim possa entender sua posição dentro da realidade objetiva em que vive (FREIRE, 2007). Evidentemente essa posição crítica é também desenvolvida em outras disciplinas, como História e Sociologia, porém, como referido acima, tudo começa com a compreensão e análise do funcionamento da própria língua.

O CONTEXTO DO ENSINO NOTURNO BRASILEIRO

Trazendo a discussão sobre a aplicação da metodologia freireana para o contexto específico do ensino noturno no Brasil, e particularmente em São Paulo, é necessário frisar que as carências de conteúdo dos alunos e sua realidade fora dos muros da escola são diferentes daquelas experienciadas pelos alunos que frequentam o período diurno, visto que a procura pelo ensino em período noturno se dá, majoritariamente, por jovens que priorizam entrar no mercado de trabalho durante o dia, e por aqueles que regressam ao ensino médio para concluir seus estudos.¹

Ao buscar fontes de pesquisa sobre a situação atual da demanda e oferta do ensino médio noturno, assim como suas condições, poucas foram as referências recentes encontradas, o que justifica o uso de dados não atualizados, ainda da década passada², neste artigo, mas que seguem viáveis para o objetivo aqui proposto, visto que as motivações para a escolha dessa modalidade de ensino não mudaram radicalmente do período analisado até hoje, embora em termos nacionais a inserção de jovens da periferia nas universidades tenha contribuído para que muitos não necessitem trabalhar informalmente. Douglas Gavras, em uma reportagem sobre a diminuição de jovens em trabalhos domésticos, destaca, estatisticamente, o quanto o acesso ao ensino superior mudou a realidade dessa população (GAVRAS, 2022).

A esse respeito, o Ministério da Educação, em publicação com dados sobre o ensino médio noturno em São Paulo, afirma o caráter democrático na oferta dessa modalidade, reconhecendo também as dificuldades de seu exercício, que são mais acentuadas que as enfrentadas pelo curso diurno:

Proposições específicas para o ensino médio noturno situam-se, assim, como alternativas para minimizar, ou mesmo superar, diferenças de estruturas, condições e dinâmicas de trabalho, que tendem a produzir e reproduzir desigualdades educacionais e sociais.

- 1 “Associa-se a isso a carência de estudos especificamente destinados a analisar a situação do ensino médio noturno, que, ao mesmo tempo em que atende ao aluno trabalhador, o faz também para aquele que, ao não encontrar vaga no período diurno, vê-se sem alternativa que não se matricular à noite” (ADRIÃO, 2006, p. 11).
- 2 Durante a pesquisa para a escrita deste artigo, foi consultado o texto de Gilvan Luiz Machado Costa, que traz estatísticas importantes para a reflexão sobre essas condições de ensino, assim como as dificuldades encontradas pelos docentes, mas são dados que contemplam da década de 1990 até 2010 (COSTA, 2013), por isso não há citação direta no corpo deste texto, mas consta na lista de referências ao final.

Por serem mais intensos que os do diurno, os problemas estruturais do ensino noturno permanecem sem o devido equacionamento, fazendo com que as parcelas da população que não têm a alternativa de migrar para o período diurno, quando isso é possível do ponto de vista da oferta, permaneçam desassistidas, com a recorrente denúncia de o noturno constituir-se em uma escola de pior qualidade, piores condições de trabalho e percentuais de sucesso inferiores ao diurno (ADRIÃO, 2006, p. 11).

Assim, entendendo que muitos jovens buscam o ensino médio noturno por já estarem inseridos no mercado de trabalho, por vezes em condições informais, a proposta de um ensino básico que visa primordialmente a educação profissional é de certa forma incoerente ao que é perceptível hoje, e também contrário ao que foi observado na época de desenvolvimento do material publicado pelo Ministério da Educação:

O cenário mundial, de crise econômica e política, acirrou a competição entre empresas e instituições, entre nações e entre todos e cada um, fazendo crescer, de modo impressionante, a valorização da escola e da credencial escolar no Brasil. Cada vez mais o mercado de trabalho se retrai e cria exigências mais elevadas de escolarização para o ingresso em qualquer ocupação. Além disso, a permanência da população mais jovem nos sistemas de ensino tem potencial de contribuir para retardar seu ingresso no mercado de trabalho, minimizando, ainda que temporariamente, os efeitos do desemprego sobre os jovens e suas famílias (ADRIÃO, 2006, p. 16).

Ao contrário do que é indicado na publicação, a evasão escolar cresce, e dentre os motivos está a inserção do jovem no mercado de trabalho:

Entre quem não está frequentando a escola, metade (48%) afirma que deixou de estudar "porque tinha de trabalhar fora". Dificuldades de aprendizagem aparecem em patamar também elevado, com 30% afirmando que saíram "por não conseguirem acompanhar as explicações ou atividades". Em seguida, 29% dizem que desistiram, pois "a escola não tinha retomado atividades presenciais" e 28% afirmam que "tinham que cuidar de familiares". Aparecem na lista, também, temas como falta de transporte (18%), gravidez (14%), desafios por ter alguma deficiência (9%), racismo (6%), entre outros (DOIS MILHÕES..., 2022, grifo nosso).

Percebe-se, portanto, que embora o mercado de trabalho esteja em busca de profissionais cada vez mais capacitados, é justamente por necessitar de

emprego para contribuir com a renda familiar que os jovens abandonam os estudos, criando-se um círculo vicioso que deve ser rompido. Assim, a realidade vivida por aqueles que buscam o estudo noturno para se manterem na escola deve ser levada em consideração na escolha de práticas metodológicas em sala de aula, para que o aluno entenda a importância de ter uma formação social crítica, para além de uma formação unicamente técnica.

Togni e Carvalho (2007), em seu artigo sobre o ensino médio noturno, já levantam, em 2007, questões que são pertinentes hoje, em 2022, quando discutem a finalidade e a abordagem dessa oferta de curso:

Resta, portanto, muito por fazer quanto às práticas pedagógicas nas escolas que mantêm ensino noturno, para que o aluno egresso possa encarar bem o mercado de trabalho. No entanto, é preciso considerar que, pela unificação jurídica do sistema de ensino brasileiro, que não considera a grande diferença social existente entre os estudantes que frequentam a mesma escola em turnos diferentes, (muitas vezes isso também ocorre nos turnos diurnos), na qual os mais abastados vão à escola pela manhã e os “outros” à tarde, torna-se ainda mais evidente a desigualdade real entre as oportunidades educacionais. É evidente (Rodrigues, 1995, p. 4) “que não se está a afirmar uma suposta excelência do ensino oferecido durante o dia nas escolas públicas de 2º Grau, porém, é fato que à noite as condições do ensino médio brasileiro são ajuizadas” (TOGNI; CARVALHO, 2007, p. 66).

O trecho anterior destaca o que será apresentado a seguir neste artigo, que são as práticas pedagógicas que podem contribuir para uma aula que faça sentido para o aluno, não necessariamente visando ao seu desempenho profissional como único objetivo, mas não deixando de lado a realidade objetiva desse aluno, que precisa ver, de alguma forma, sentido naquilo que é ensinado na escola e sua importância social.

A EXPERIÊNCIA DE LECIONAR LÍNGUA PORTUGUESA PARA O ENSINO MÉDIO NOTURNO

Em agosto de 2022, fui convocada por um concurso público municipal para assumir aulas no 3º ano do período noturno de uma escola de ensino médio, e mesmo já tendo tido a experiência de lecionar para essa faixa etária de alunos, sabia que o período de aula influenciaria muito a dinâmica em sala,

principalmente porque na escolha pela noite está subentendido que esses alunos trabalham durante o dia, e a rotina de trabalho diário e assalariado – ainda que muitos tenham sido contratados como estagiários, sem uma jornada completa – muda sua perspectiva em relação à escola e sua função, além do cansaço, que impacta a atenção dada às aulas.

Diante desse novo contexto, me propus, primeiramente, a situar a disciplina, que não estava sendo passada aos alunos com regularidade desde meados do primeiro semestre letivo de 2022, somando-se a essa defasagem a irregularidade de aulas *on-line* oferecidas durante os anos de pandemia. Dessa forma, nas duas primeiras semanas de aula me apresentei às turmas, ouvi deles, informalmente, quais eram suas principais dificuldades na disciplina, e passei ao conteúdo planejado para o bimestre. Uma semana após meu início, fui informada sobre a obrigatoriedade de passar uma avaliação mensal na semana seguinte, porque haveria no mês de setembro outras avaliações, com todas as disciplinas, que fechariam o bimestre. Diante desse cronograma apertado de atividades cobradas pela escola, não houve tempo hábil para atender os alunos com suas reais dificuldades, que se encontram em questões básicas da língua, como leitura, identificação de verbos e sua função, entre outras. Assim, nas aulas que lecionei no primeiro bimestre em que estive na escola, a dedicação foi inteiramente a questões de regência verbal, deixando o conteúdo de literatura a ser pesquisado e apresentado por eles em forma de seminário, por ser um assunto mais facilmente compreendido em pesquisas individuais. Para o último bimestre do ano, no entanto, preferi mudar de estratégia, visto que muitos alunos não se engajaram na proposta mencionada, alegando que não tinham tempo para preparar as apresentações, e que as aulas cedidas à pesquisa do tema não seriam suficientes.

À vista disso, o conteúdo de literatura cobrado para o quarto bimestre foi pensado para ser dialogado e discutido em sala de aula, com a participação mais ativa dos alunos. O conto contemporâneo era o conteúdo a ser desenvolvido e a apostila usada na rede de ensino apresentava diversos autores relevantes, como Rubem Fonseca e Lygia Fagundes Telles, porém, pela experiência que tive com os alunos nas semanas anteriores, entendi ser melhor trazer um texto que fosse mais curto e direto, mais palpável também em sua temática, para que os alunos de fato refletissem sobre a leitura e entendessem o sentido em ler esse tipo de texto. Assim, o conto escolhido foi “Da paz”, de Marcelino Freire, de duas páginas, que traz um narrador em primeira pessoa, possivelmente um

narrador feminino, discorrendo sobre sua indignação diante das manifestações populares pela paz, depois que seu filho é morto, provavelmente por ação policial dentro de uma comunidade. A linguagem do conto é informal, a sintaxe é simples, curta, aproximando-se fortemente da oralidade e com traços da baixa escolaridade da narradora. Não hesitei em escolher esse conto, porque a violência retratada é ainda uma realidade no Brasil. O racismo, mesmo que de forma indireta, também está presente no texto, e por isso os alunos poderiam compreender sem muitas dificuldades esse contexto e se interessar pela leitura de outros contos, além de saber identificar as diferenças entre esse tipo de texto e outros escritos em épocas passadas.³

Em uma das quatro salas, o exercício foi bem-sucedido. Na primeira apresentação da proposta, os alunos estavam demasiadamente agitados durante a leitura, e ao final dela não haviam compreendido o sentido nem o propósito do texto, tornando a explicação centralizadora, não coletiva. Outras duas salas, por motivos de provas externas e feriados em dias da semana com aulas de Língua Portuguesa, não tiveram a oportunidade de ler o texto e entendê-lo em sala de aula. Com a turma em que a leitura e interpretação do conto atendeu às expectativas propostas, os alunos acompanharam a declamação do texto por uma atriz negra, seguida de uma cena do filme *Tropa de elite* (2007), em que o personagem André Mathias confronta de maneira violenta e indignada sua ex-namorada e seu amigo, que estão marchando no morro pedindo paz, sendo que participaram indiretamente das ações criminosas dentro da comunidade, culminando na morte do melhor amigo de André e de tantos outros. Com esses elementos visuais, os alunos rapidamente se manifestaram, defendendo a atitude do personagem central naquela cena do filme, e apresentaram interesse em compartilhar sua compreensão do conto, inclusive mudando de opinião após ouvir argumentos de outros colegas. A experiência de ouvi-los e posteriormente apresentar as características literárias e linguísticas do texto, que o remetem à contemporaneidade, foi muito positiva e gratificante. Depois dessa participação oral, considere também ser importante que eles tivessem o

3 Outra defasagem consequente da falta de aulas durante o ano letivo é a carência de repertório de leitura dos alunos. Ao questioná-los sobre quais livros já leram, ou estão lendo, desde gibis até livros de autoajuda, em média apenas dois alunos por sala – dois de trinta – afirmaram ter o hábito de ler. Alguns se justificam pela falta de tempo, mas a maioria admite não ler por preguiça e tédio. E ao falar sobre literatura contemporânea, essa carência de leitura é ainda mais sentida e prejudicial ao entendimento do texto, pois o aluno não tem base comparativa para saber o que é novo e o que é permanência nas formas e conteúdos adotados, fazendo com que o aluno espere do professor todas essas informações.

registro dessa interpretação do conto por escrito, por isso separei as seguintes questões:

1. Qual o motivo da indignação do narrador?
2. Essa reação é justificável, em sua opinião? Justifique.
3. Quais as características do conto que nos permitem relacioná-lo com a realidade brasileira? Transcreva o(s) trecho(s) em que ela(s) aparece(m).
4. Qual sua opinião sobre o conto? Justifique.

Assim, como relatado anteriormente, depois de apresentarem sua interpretação de maneira mais livre sobre o breve conto, os alunos se sentiram mais preparados para responder às questões e por isso se engajaram mais, interessados em registrar corretamente o que acharam e entenderam da narrativa.

Portanto, a experiência relatada no item anterior pode ser o exemplo de uma forma simples para trazer o aluno mais perto daquilo que se pretende com o conteúdo da disciplina. O objetivo da aula era desenvolver a habilidade de leitura e interpretação de texto literário, identificando características de linguagem e temática que refletem a contemporaneidade. Grandes nomes da literatura brasileira poderiam servir a esse propósito, como os mencionados anteriormente, porém, ao conhecer os alunos, sabendo de sua rotina e de suas carências linguísticas (FREIRE, 2007), foi necessário sair do que era esperado – o texto “canônico” – para que o objetivo fosse, da melhor forma possível, alcançado: perceber na linguagem uma forma de expressão que dialoga com a realidade social.

A INFLUÊNCIA DO CURRÍCULO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Por ser uma das disciplinas com mais aulas na grade dos alunos (incluindo Matemática), o currículo de Língua Portuguesa é amplo e busca desenvolver diversas habilidades e competências. No entanto, a prática se mostra ainda em defasagem ao que é cobrado em documentos oficiais, pelas diversas dificuldades enfrentadas por professores e alunos, do que diz respeito à estrutura da escola, a problemas familiares que muitos alunos refletem em sala de aula, entre outras questões. E, particularmente nas aulas de Língua Portuguesa, por

ser uma das mais frequentes para os alunos, essas dificuldades são mais visíveis ao professor, o qual já é mais cobrado por resultados, visto que a língua materna é a base para a compreensão de todas as demais áreas do conhecimento.

Trazendo esse contexto para a discussão sobre os desafios e adequações de aulas do ensino médio cursado no período noturno, o professor de Língua Portuguesa se vê, muitas vezes, em um conflito sobre qual deve ser sua prioridade no planejamento das aulas, tendo em vista que a carga de aulas é inferior ao período diurno (em média, quatro aulas semanais)⁴, igualmente considerando que a realidade desses alunos, como já apontado anteriormente, é diferente daquela dos alunos que estudam durante o dia. Logo, as aulas voltadas ao estudo literário, por exemplo, não terão o mesmo significado para um e outro aluno. Seguir o sistema apostilado, como está subentendido pela direção da escola, pode não ser o caminho mais viável para que os alunos conheçam a literatura e saibam usufruir dela como têm direito, pois o conteúdo desse material não aborda os assuntos que são mais latentes aos alunos na atualidade, devendo ser usado, sim, como fonte guia de estudo para um conhecimento geral sobre importantes autores brasileiros, mas não com exclusividade, sabendo que, principalmente na contemporaneidade, há temas e autores que tocam a realidade de forma mais palpável e não menos enriquecedora.

Ao falar sobre as positivas mudanças em documentos oficiais em relação à abordagem do ensino de língua materna em sala de aula, o professor Clécio Bunzen comenta:

[...] se levo em consideração apenas os parâmetros curriculares e as orientações nacionais publicados entre 1997 e 2008 (antes da BNCC), posso dizer que os principais acertos são: (a) apontar para uma concepção de língua e de linguagem mais relacionada com as práticas sociais e os usos sociais; (b) assumir um trabalho didático mais voltado para análises do texto e dos elementos da textualidade; (c) indicar a possibilidade de assumir os gêneros como possíveis organizadores dos currículos de L1; (d) apostar em uma discussão sobre o ensino de aspectos gramaticais e sua relação com o texto e os gêneros; (e) induzir um ensino mais reflexivo e consciente sobre a língua enquanto sistema, utilizando normalmente o conceito de "análise linguística" para chamar atenção do processo "natural" e "aprendido" de refletir sobre os usos linguísticos em enunciados concretos; (f) induzir um trabalho didático com a produção textual escrita para além da redação escolar, da tipologia escolar clássica (narração,

4 No município de Santana de Parnaíba, na Grande São Paulo, as aulas noturnas são compostas por quatro aulas diárias, totalizando quatro aulas semanais de Língua Portuguesa.

descrição, dissertação); (g) *procurar relacionar uma proposta metodológica socio-interacionista em que haja maior integração entre o trabalho de leitura e produção textual, com atividades e tarefas de reflexão consciente sobre a língua e as múltiplas linguagens* (AGUIAR; SANTOS, 2019, p. 363-364, grifos nossos).

Da fala do professor, destaco os itens “a” e “g”, que devem ser centrais dentro de uma perspectiva mais dialógica de ensino, pois como descritos nesses itens, a língua tem parte ativa na relação com a realidade objetiva, cabendo ao professor propor uma dinâmica de aula que envolva os alunos, construindo com ele a interpretação, e essa relação deve ser buscada por meio do estudo da gramática e de gêneros textuais diversos.

Além do aspecto dialógico, essas propostas dos documentos oficiais mencionadas são também relevantes ao entendermos que a linguagem não é única, mas múltipla, em suas manifestações, seja referente à formalidade, ao modo como se apresenta – se visual, verbal ou ambas –, entre outras perspectivas, e que cabe ao indivíduo não apenas traduzir os códigos linguísticos na leitura, mas interpretar os sentidos que estão subentendidos pelo uso de determinada linguagem, assim como questionar as motivações que levaram o sujeito a escolher uma forma ou outra de comunicação.

Dessa forma, ao trazermos essas questões curriculares à reflexão sobre a experiência relatada neste artigo, percebe-se, mais uma vez, a necessidade de trazer para a discussão de um texto literário as questões relacionadas à escolha de linguagem por parte do autor e como isso influencia nosso entendimento do texto e sua relação com a realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, neste artigo, buscou-se refletir sobre algumas das condições de ensino de Língua Portuguesa no ensino médio em período noturno, especialmente no contexto público da região da Grande São Paulo, e a partir de um relato de experiência, ressaltar a importância de um planejamento de aulas que sejam dialógicas, com as quais os alunos possam se identificar, como indivíduos ativos de uma sociedade à qual pertencem. Em vista disso, recorreremos mais uma vez a Paulo Freire (2007), que destaca essa característica fundamental no processo de ensino-aprendizagem, propondo uma educação que seja libertadora, tornando o aluno consciente de sua posição social e em condições de refletir

e mudar sua posição. Para alcançar tal objetivo, entendemos que o domínio da língua materna exerce grande influência, visto que toda visão de mundo passa pela linguagem, como já dito, que pode ser múltipla em suas formas.

Portanto, é essencial que o professor de Língua Portuguesa busque traçar um planejamento que inclua um conteúdo que se relacione com a realidade social do aluno, ao mesmo tempo que prestigie aqueles temas e formas linguísticas que ele (aluno) não encontrará em sua zona de conforto, mas dos quais precisará para “furar sua bolha” e frequentar lugares sociais de prestígio. E sobre isso, destaco a tese do linguista e pesquisador Sírio Possenti (1996), *Por que (não) ensinar gramática na escola*, na qual é defendida a ideia de que não ensinar a forma padrão da língua portuguesa não deveria ser a saída para se ter uma aula mais participativa e relacionável aos alunos, pois ensiná-la é oferecer a eles as ferramentas linguísticas de que precisam para também ascender socialmente, e o que deve ser repensado é a forma de ensinar. A partir desses conceitos, o professor de Língua Portuguesa que leciona no ensino médio noturno deve, mais enfaticamente, levar em consideração o contexto social de seus alunos para elaborar um planejamento que contemple a interação com gêneros textuais diversos e pertinentes ao seu mundo objetivo, assim como a apresentação de novas formas de linguagem que serão necessárias a eles para alcançarem metas pessoais ou profissionais.

Portuguese in class: considerations from the experience of teaching in a night shift high school

Abstract

This article reflects on the motivations and studying conditions of night shift high school students at a public school, considering concepts taken from Paulo Freire's *Pedagogy of the oppressed* and other works that are based on his methodology. The objective of this reflection is to bring to light questions related to the social context of the youth in these studying conditions and, through the description of a personal work experience with these young boys and girls, propose a way so that Portuguese classes are more effectively relevant to this group of students.

Keywords

Portuguese. Teaching. Social Context.

REFERÊNCIAS

- ADRIÃO, T. *Ensino médio noturno em São Paulo: democratização e diversidade*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2006.
- AGUIAR, M. S.; SANTOS, L. W. dos. Ensino de língua portuguesa nas duas primeiras décadas do século XXI. *Policromias*, Rio de Janeiro, ano 4, p. 360-394, 2019.
- COSTA, G. L. M. O ensino médio no Brasil: desafios à matrícula e ao trabalho docente. *R. Bras. Est. Pedag.*, Brasília, DF, v. 94, n. 236, p. 185-210, 2013.
- DOIS MILHÕES de crianças e adolescentes de 11 a 19 anos não estão frequentando a escola no Brasil, alerta Unicef. 15 set. 2022 [on-line]. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/dois-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-de-11-a-19-anos-nao-estao-frequentando-a-escola-no-brasil>. Acesso em: 10 nov. 2022.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 46 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- GAVRAS, D. Número de jovens ocupados em trabalhos domésticos despenca 35% em dez anos. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 27 ago. 2022 [on-line]. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/08/numero-de-jovens-ocupados-em-trabalhos-domesticos-despenca-35-em-dez-anos.shtml>. Acesso em: 15 nov. 2022.
- POSSENTI, S. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil, 1996.
- TOGNI, A. C.; CARVALHO, M. J. S. A escola noturna de ensino médio no Brasil. *Revista Iberoamericana de Educación*, [s. l.], n. 44, p. 61-76, 2007.
- TROPA de elite. Direção: José Padilha. Produção: Zazen Produções. Intérpretes: Wagner Moura, André Ramiro, Caio Junqueira *et al.* 2007.